

CLARICE LISPECTOR

ESTRANHAMENTO E ESPLENDOR



ENTREVISTA COM
MARIA ISOLINA DE CASTRO SOARES
FEITA POR ZIÃO DIONÍSIO



CLARICE LISPECTOR

ESTRANHAMENTO E ESPLENDOR

Entrevistada
Maria Isolina de Castro Soares

Entrevistador, Autor, Editor e Designer
Ziã C. Dionísio

Mecenas

Antonio A. Bermond, Daniel de S. Moreira,
Daniele Vi. Carneiro, Henrique Pitt, Hugo Reis,
M. Emilia dos Santos, M. Isolina de C. Soares,
Olney Braga, Pedro H. de A. Passamani,
Rafael Senra e Suely Selváticos Zanutelli

Colatina, ES, Brasil dezembro de 2024

tropicalversos.com

"Quem olha um espelho
conseguindo ao mesmo tempo
isenção de si mesmo,
quem consegue vê-lo sem se ver,
quem entende que
a sua profundidade
é ele ser vazio,
quem caminha para dentro
de seu espaço transparente
sem deixar nele
o vestígio da própria imagem
- então percebeu o seu mistério."

- Clarice Lispector
em Para não esquecer

Sobre essa Entrevista

Ziã C. Dionísio

3 DE DEZEMBRO DE 2024

CONHECI ISOLINA NA BIBLIOTECA DE COLATINA...
EM REUNIÕES ARTÍSTICAS, COM CONVERSAS POÉTICAS,
MÚSICAS, FILMES, E PROSAS VARIADAS...
QUANDO APRESENTEI LÁ O CONTO "UMA GALINHA"
DE CLARICE LISPECTOR,
NÃO SABIA QUE ISOLINA TANTO A ADMIRAVA...

QUASE TRÊS ANOS DEPOIS, ME VEIO A IDEIA:
ENTREVISTÁ-LA, PARA UMA REVISTA SOBRE A AUTORA...

FUI INOCENTE,
NÃO TINHA VISTO O TAMANHO DO MISTÉRIO,
E NEM IMAGINAVA QUE O SABOR DESSE CAMINHO
IA AFETAR MEU CAMPO ESTÉTICO,
NA ESCRITA E NO PENSAMENTO...

ELABOREI TRÊS PERGUNTAS SIMPLES, DE COMEÇO...
VIERAM RESPOSTAS, E AÍ O MAR SE MOSTROU IMENSO...

AMPLIANDO A PESQUISA, OUVINDO OUTRA VEZ OS DEPOIMENTOS,
AS FALAS DE CLARICE EM 1977 NA TV CULTURA,
E EM 1976 NO MUSEU DA IMAGEM E DO SOM...

PASSEI A ESCUTAR AS AUTORAS DE BIOGRAFIAS, NÁDIA B. GOTLIB,
BENJAMIN MOSER, YUDITH ROSENBAUM E TERESA MONTEIRO,
EM VÍDEOS NO YOUTUBE QUE VÃO DESDE
CONVERSAS VIA ZOOM PARA PODCASTS,
ATÉ FALAS NA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS
E NA BIBLIOTECA DO CONGRESSO AMERICANO...

(QUANDO ALGUÉM TE FALAR QUE O MUNDO É PLANO,
NÃO CULPE A INTERNET...
O QUE ESTÁ CAUSANDO O ENGANO É A FORMA
COMO A PESSOA A ESTÁ USANDO...)

10 DE DEZEMBRO DE 2024

MERGULHEI COMO PUDE, NO TEMPO QUE HOUVE,
NA BIOGRAFIA E NA BIBLIOGRAFIA DE CLARICE LISPECTOR...

FIZ MAIS 4 PERGUNTAS PARA ISOLINA...

TIVE CLARICITE CRÔNICA, COM A QUAL ESCREVI TEXTOS
COMO ESTE E OUTROS QUE ESTÃO PELAS PÁGINAS DESTA ZINE...

ATÉ DESCOBRI UM NOME MEU QUE EU AINDA NÃO SABIA...

AGORA TRABALHO NA REUNIÃO DE TUDO ISSO NESSA OBRA...
FORMADA POR PERGUNTAS, RESPOSTAS,
CRÔNICAS, IMAGENS. LISTAS E REFERÊNCIAS...

E TAMBÉM ME PREPARO PARA APRESENTÁ-LA
NA MESMA BIBLIOTECA ONDE CONHECI ISOLINA,
LOGO APÓS A MINHA LEITURA
DA CRÔNICA "MINEIRINHO",
PUBLICADA POR CLARICE EM
"A LEGIÃO ESTRANGEIRA" (1964)...

NO MESMO MÊS QUE UM POLICIAL MILITAR DE SÃO PAULO
JOGOU UM HOMEM DE UMA PONTE...
E ESSE MESMO POLICIAL, NO ANO PASSADO,
DEU 12 TIROS EM UM HOMEM...
QUASE O MESMO NÚMERO DOS QUE ATINGIRAM MINEIRINHO
EM 1962, NO DIA 1º DE MAIO...

HOJE FAZ 104 ANOS QUE CLARICE NASCEU...
ONTEM FEZ 47 ANOS QUE ELA MORREU...
MAS SUAS PALAVRAS SEGUEM VIVAS E ATUAIS...
CLARAS E ESTRANHAS...
MISTERIOSAS E EPIFÂNICAS...
AFINAL...

"UM ESCRITOR BRASILEIRO DISSE
QUE ESTAR VIVO É IMPOSSÍVEL,
E EU ACRESCENTO QUE
NASCER É IMPOSSÍVEL."

- CLARICE LISPECTOR
EM "LITERATURA E MAGIA"

Sobre Isolina, a Entrevistada

Maria Isolina de Castro Soares é graduada em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com Mestrado e Doutorado na área de concentração Estudos Literários pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

Aposentou-se pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo (Ifes), campus Colatina.

É autora de Português Instrumental (ISBN 978-85-62934-32-2), obra que faz parte do catálogo de material de cursos técnicos do Ministério da Educação, acervo dirigido a alunos de Ensino Médio Técnico da Educação Profissional e Tecnológica.

Faz parte do Conselho Editorial e de Revisão da obra Escritos de Colatina, publicação da Secretaria Municipal de Cultura e Turismo da Prefeitura de Colatina, ES.

Organizou em equipe os volumes 1, 2 e 3 da obra Práticas e Trajetórias de Pesquisa, editora do Ifes. Publica poemas na zine Tropicalzin, de Colatina, ES.

Possui inúmeros artigos publicados em livros, revistas e anais de congressos, abordando aspectos teóricos de obras literárias.

Currículo Lattes:

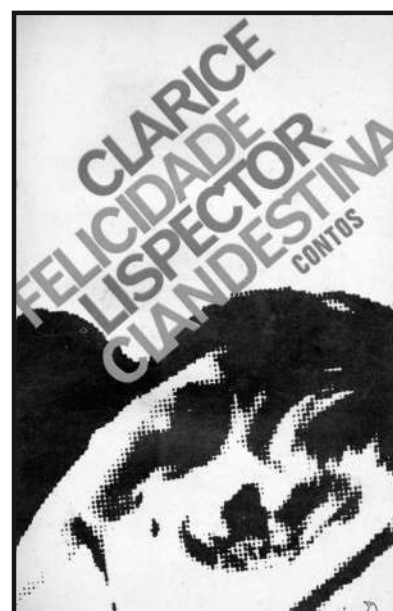
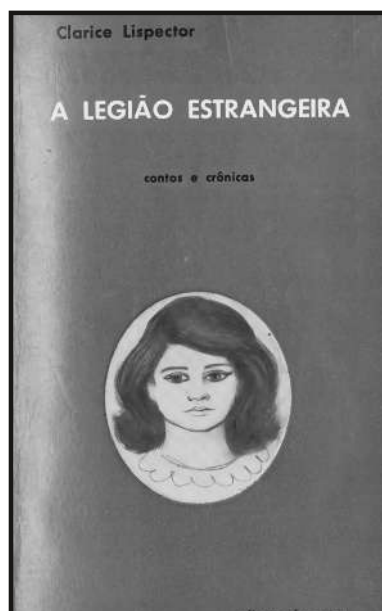
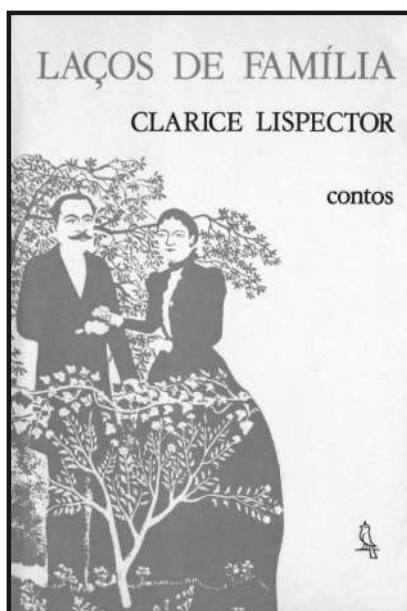
<http://lattes.cnpq.br/6409905601091213>

Como e quando na sua vida você encontrou a obra de Clarice Lispector?

Comecei a ler Clarice Lispector na escola, no que corresponderia atualmente ao 9º ano do Ensino Fundamental. Minha professora de Português era excelente, e líamos muito, principalmente autores consagrados da literatura brasileira. Prosseguindo nos estudos, cursei o 2º grau dirigido especificamente para a área de Letras, era o antigo Clássico, próprio para quem gostaria de seguir carreira nas Ciências Humanas. Assim, fui conhecendo cada vez mais autores e obras da literatura brasileira e universal.

Quais foram os primeiros livros dela você que leu?

Os primeiros livros que li de Clarice Lispector foram *Laços de família*, *A legião estrangeira* e *Felicidade clandestina* (1971). Desses, o primeiro texto com o qual tive contato foi o conto *Amor*, presente no livro *Laços de família*.



Como foram suas impressões e sensações na leitura?

As primeiras sensações e impressões da leitura de qualquer texto de Clarice Lispector são de estranhamento.

O crítico Antonio Candido diz que Clarice Lispector dissolve o enredo em inúmeras descrições, mas com contornos fugidios e inúmeros pormenores, que fazem o leitor perder a noção de conjunto.¹

É uma tendência característica do *nouveau roman*, nome dado pela crítica às obras de escritores que, na França, nas décadas de 1950-1960, rompem com o romance tradicional herdado do Realismo. Essas obras recusam a concepção de herói, a verossimilhança, a onisciência e a coerência psicológica das personagens. O importante passa a ser a vida interior e o tempo não linear, psicológico.

Raramente encontramos em suas obras um enredo segundo os cânones narrativos tradicionais. Geralmente a história gira sobre si mesma, voltando a um mesmo assunto de forma obsessiva.

Seu último romance, *Um sopro de vida*, escrito entre 1974 e 1977 e publicado postumamente, tem como subtítulo *Pulsações*, a indicar ao leitor que o que ele vai encontrar é um texto que reproduz impressões, questionamentos, procura incessante do eu, o que se reflete na forma de narrar.

Seu último romance começa assim:

1. Referência ao texto "A Nova Narrativa" de Antonio Cândido, que está no livro "A Educação pela noite & outros ensaios" (2ªed. São Paulo: Ática, 1989).

Isto não é um lamento, é um grito de ave de rapina. Irisada e intranquila. O beijo no rosto morno. Eu escrevo como se fosse para salvar a vida de alguém [...]. Eu queria escrever um livro. Mas onde estão as palavras? Esgotaram-se os significados [...] Escrevo ou não escrevo? [...] Tenho medo de escrever. É tão perigoso. Quem tentou, sabe...²

Ao mesmo tempo em que escreve, questiona o escrever. Escreve um livro e diz que gostaria de escrever, mas que não encontra palavras -usa, no entanto, palavras para escrever. O leitor se perde em meio a esses paradoxos, que são uma marca da escrita clariceana.

É o ato de escrever que é constantemente questionado - e isso em todas as suas obras. A mais famosa delas, **A hora da estrela**, possui um narrador intrometido que volta e meia faz comentários sobre o ato de escrever, sobre as personagens, sobre a vida, sobre o enredo, sobre ele mesmo:

Proponho-me a que não seja complexo o que escreverei, embora obrigado a usar as palavras que vos sustentam. A história - determino com falso livre arbítrio - vai ter sete personagens e eu sou um dos mais importantes deles, é claro. Eu, Rodrigo S. M. Relato antigo, este, pois não quero ser modernoso e inventar modismos à guisa de originalidade. Assim é que experimentarei contra os meus hábitos uma história com começo, meio e "gran finale" seguido de silêncio e de chuva caindo.³

2. Do livro "Um sopro de vida" publicado pela 1ª vez em 1978.
Trecho copiado da edição de 1991, editora Francisco Alves, página 20.

3. Do livro "A Hora da Estrela" publicado pela 1ª vez em 1977.
Trecho copiado da edição de 1993, editora Francisco Alves, páginas 26-27.

Clarice também inovou em termos de sintaxe narrativa. Causou estranhamento, foi considerada inusitada, diferente, hermética, e sua escritura provocou críticas e ressalvas quando publicou seus primeiros livros. É que Clarice trouxe, para a literatura brasileira, um tipo de construção que não era e ainda não é comum em nossas obras: o fluxo fragmentário da narrativa, reproduzindo o fluxo fragmentário da consciência. A linguagem é, então, intensamente trabalhada para que a autora atinja seu objetivo. Analisando seus textos, encontramos repetições, discurso indireto livre, digressões, circularidade de raciocínio metafísico e linguístico, pontuação especial, escrita sobre a escrita - a metalinguagem - e a ficção sobre a ficção - a metaficção.

Importante, também, em todas as obras de Clarice, é a epifania. As personagens clariceanas - majoritariamente femininas - se veem de repente em uma situação psicológica de impasse, um momento de revelação de algo decisivo em suas vidas. A partir desse momento, a personagem se desestrutura emocionalmente e passa por uma crise, que pode ser transitória - voltando à pretensa normalidade da vida -; ou permanente - prendendo a personagem definitivamente em seu mundo psicológico.

No conto **Amor**, a personagem Ana estava indo de bonde para casa com uma sacola de compras quando vê um cego mascarando chicletes num ponto. Essa visão a perturba de tal forma que deixa as compras caírem, salta no ponto errado, percebe que "o mal estava feito", que "o que chamava de crise viera afinal", que um cego mascarando chicletes desmoronava sua vida apaziguada. Ana entra no Jardim Botânico e a crise chega ao auge, o jardim semelhava o Éden:

“[...] era fascinante, a mulher tinha nojo, e era fascinante”.⁴

Após essa crise de náusea existencial, influência do Existencialismo de Jean-Paul Sartre, Ana se lembra dos filhos, do marido e volta para casa, continuando sua vida monótona. O marido a toma pela mão, “[...] afastando-a do perigo de viver”.⁵

No conto *A imitação da rosa*, Laura arruma meticulosamente a casa para esperar o marido e o casal de amigos que iria jantar com eles. Terminadas as tarefas, “[...] sentou-se no sofá como se fosse uma visita na sua própria casa que, tão recentemente recuperada, arrumada e fria, lembrava a tranquilidade de uma casa alheia”.⁶

Ao observar um jarro com rosas, Laura entra em um mundo de perturbação psicológica:

Nunca vi rosas tão bonitas, pensou com curiosidade. E como se não tivesse acabado de pensar exatamente isso, vagamente consciente de que acabara de pensar exatamente isso e passando rápido por cima do embaraço em se reconhecer um pouco cacete, pensou numa etapa mais nova de surpresa: “Sinceramente, nunca vi rosas tão bonitas”.⁷



4 e 5. Conto "Amor" do livro "Laços de Família" publicado pela 1ª vez em 1971. Trecho copiado da edição de 1974, editora José Olympio, páginas 24 e 30.

6 e 7. Conto "A Imitação da Rosa" do livro "Laços de Família". Trechos copiados da edição citada acima, páginas 38, 45 e 46).



A crise se instala, mas, diferentemente de Ana, que consegue superar a náusea e sair da crise, Laura se perde num mundo de alheamento. Quando o marido chega,

Ela estava sentada com seu vestidinho de casa. Ele sabia que ela fizera o possível para não se tornar luminosa e inalcançável. Com timidez e respeito, ele a olhava. Envelhecido, cansado, curioso. Mas não tinha uma palavra sequer a dizer. Da porta aberta via sua mulher que estava sentada no sofá sem apoiar as costas, de novo alerta e tranquila como num trem. Que já partira. (A Imitação da Rosa, p. 58)

A obra de Clarice Lispector busca obsessivamente compreender o ser, busca que leva suas personagens à náusea existencial. A densidade introspectiva, o mergulho psicológico, o questionamento da linguagem, da escrita, da ficção, aliados ao trabalho meticuloso de construção textual – repetições, metáforas, imagens insólitas, construções inusitadas, além de outros recursos já citados – rompem o código, instauram uma nova ordem, constroem a realidade e nos legam obras que revelam não só a preocupação com o estar no mundo como também a paixão pela palavra.

Claricite Crônica...

Ziã C. Dionísio

5 DE DEZEMBRO DE 2024

AQUI NÃO TEM JARDIM BOTÂNICO...
MAS A SOMBRA DO BAMBUZAL NA MARGEM DO RIO
É BOA PRA LER CLARICE...
COM CONTOS SOBRE
OVOS, GALINHAS E PINTOS...

ENTREVISTAS ONDE ELA, COMO ENTREVISTADORA,
CONTA MUITO DE SI MESMA...

SE OLHANDO NO ESPELHO DO OLHAR DO OUTRO,
ROMPE A CASCA, ENTRA NO MUNDO...
REFLETIDA EM MIL PEDAÇOS
NAS CASCAS QUE VIRAM ADUBO...
QUE REFLETEM OUTRAS MIL FACES
NO SOL QUE ENCONTRA O SOLO...

NÃO BUSCO ESCREVER COMO ELA...
TENTO SENTIR COMO ELA...
DAÍ, DO SENTIMENTO ATÉ A ESCRITA,
ESTOU NOS OMBROS DA BRISA...

A INSPIRAÇÃO É UMA GUIA TRANQUILA, MESMO QUANDO SE AGITA...
CABE A MIM SENTIR ELA, E TER A CALMA
DE BOTAR AS LETRAS NA SEQUÊNCIA QUE VIEREM...

A INSPIRAÇÃO TEM UM TEMPO VELOZ...
CORRE NA IMAGINAÇÃO COMO SE ATRAVESSA CÉUS...
E LENTO APERTO UM ALFABETO,
DENTRO DUM CAMPO CIBERNÉTICO,
ORDENADO DE UM MODO CHAMADO "QWERTY" ...

ESTOU COM CLARICITE CRÔNICA,
AGUDA E CIRCUNFLEXA...

ÀS VEZES ATÉ PAREÇO
UM DESENHO NA AREIA...

A ONDA CLARICE,
DE ÁGUA E VENTO,
NUNCA DEIXA DE SER OCEANO...

QUANDO TOCA OS GRÃOS DO CHÃO,
BOLHAS SE MOSTRAM E SOMEM
SEM CONFUSÃO OU ENGANO...

A entrevista de Clarice para o programa Panorama, gravada em fevereiro de 1977, dez meses antes do falecimento da autora, é o único registro longo que temos dela em vídeo falando.

Em nossas conversas, quando esse assunto surge, você já mencionou a frase final do depoimento: "Estou falando de meu túmulo"...

Como foi pra você ver essa entrevista pela primeira vez? e como é revê-la até hoje?

Além de comentar essa frase que mencionei, pode falar sobre outros momentos dela que você destaca?

Costumo mesmo repetir essa frase de Clarice na entrevista a Júlio Lerner, creio que porque essa frase reflete bem o humor com que Clarice responde às perguntas, aquela soturna expressão, aquelas pausas, a resistência em responder, pois volta e meia diz: Eu não quero responder, eu não vou responder, eu não sei responder, é segredo... E essa frase lembra muito a obra de Clarice, que não é uma obra de fácil entendimento, é uma obra "pesada", que fala muito da morte.

Em *Um sopro de vida (Pulsações)*, um narrador em primeira pessoa, que mais adiante saberemos ser o Autor fictício, diz:

"Eu escrevo como se fosse para salvar a vida de alguém. Provavelmente a minha própria vida. Viver é uma espécie de loucura que a morte faz. Vivam os mortos porque neles vivemos."

Esse autor cria a personagem Ângela Pralini e diz que a inventou “porque precisava de um fac-símile de diálogo”.

O que temos aí? Morte e solidão. Ângela é fac-símile do Autor fictício, que se confunde com o Autor real; então, Ângela é Clarice. E Clarice afirma, na entrevista a Júlio Lerner, quando ele pergunta a ela se escreve todos os dias, se tem períodos em que escreve mais:

“Tem períodos de produzir intensamente, e tem períodos... hiatos, em que a vida fica intolerável [...] e eu vegeto e então eu, para me salvar, lanço logo uma outra coisa...”.

Assim, quando Clarice diz “estou falando de meu túmulo”, é porque está naqueles hiatos em que a vida se torna intolerável, como ela afirma na mesma entrevista, e reafirma:

“Eu acho que quando eu não escrevo eu estou morta. Por enquanto eu estou morta. Estou falando de meu túmulo.”

Ela tinha acabado de escrever *A hora da estrela*, estava sem um novo projeto em andamento, estava morta!

Apesar de ter assistido à entrevista inúmeras vezes, a cada nova visão das imagens e audição da voz de Clarice a experiência é renovada. Passava esse vídeo para meus alunos quando estudávamos textos de Clarice Lispector, o que ocorria geralmente nos 3^{os} anos do Ensino Médio. O vídeo auxiliava nas discussões sobre a obra da autora. Para mim, depois de ver inúmeras vezes essa entrevista e de ler muito de sua obra, cada palavra dela mostra a mulher/ a autora e a obra, tão intrinsecamente imbricadas estão.



Falei de solidão, anteriormente. Outro trecho chocante da entrevista é quando Júlio Lerner pergunta a Clarice: “O adulto é sempre solitário?”

A escritora responde que o adulto é triste e solitário.

O entrevistador insiste: “A partir de que momento [...] o ser humano vai se transformando em triste e solitário?”

Clarice Lispector responde: “A qualquer momento da vida, basta um choque um pouco inesperado e isso acontece. Mas eu não sou solitária não, tenho muitos amigos. E só estou triste hoje porque estou cansada. Em geral eu sou alegre”.

O enunciado (a frase dita por ela em resposta à pergunta) agride a coerência, porque a voz, os gestos, o semblante fechado, o abaixar de olhos (ou seja, a enunciação, o ato comunicativo) dizem exatamente o contrário. Esse trecho da entrevista é um soco no estômago. E como o narrador de *A hora da estrela* diz:

“A vida é um soco no estômago.”

Outra parte interessante é quando ela cita Mineirinho, o último texto de Fundo de Gaveta, em *A legião estrangeira*, e reproduzido em *Para não esquecer*.

Mineirinho foi um bandido que teve expressão nos anos de 1950 e início da década de 1960 no Rio de Janeiro. Desafiava a lei e era considerado o inimigo número 1 da polícia carioca. Estava foragido da prisão e foi perseguido e morto com 13 tiros por mais de 300 policiais comandados por Milton Le Cocq d'Oliveira, o famoso detetive Le Cocq, egresso da guarda pessoal de Getúlio Vargas.

Posteriormente, após a morte de Le Cocq em 1964, numa perseguição a outro bandido, o Cara de Cavalo, policiais do Rio de Janeiro criaram uma organização paramilitar, em 1965, a Scuderie Detetive Le Cocq, um grupo de extermínio, de justicamento conhecido também como Esquadrão da Morte.

Clarice Lispector mostra seu horror frente à barbárie da execução de um homem, quando “qualquer que tivesse sido o crime dele, uma bala bastava. O resto era vontade de matar, era prepotência”, diz na entrevista.

Em seu texto de Fundo de Gaveta, a autora reflete:

“Esta é a lei. Mas há alguma coisa que, se me faz ouvir o primeiro e o segundo tiro com um alívio de segurança, no terceiro me deixa alerta, no quarto desassossegada, o quinto e o sexto me cobrem de vergonha, o sétimo e o oitavo eu ouço com o coração batendo de horror, no nono e no décimo minha boca está trêmula, no décimo primeiro digo em espanto o nome de Deus, no décimo segundo chamo meu irmão. O décimo terceiro tiro me assassina – porque eu sou o outro. Porque eu quero ser o outro”.

Em Obras...

Ziã C. Dionísio

5 DE DEZEMBRO DE 2024

ESTAMOS EM OBRAS...
OBRAS FÍSICAS, NAS FORMAS...
OBRAS LÍRICAS, COM PALAVRAS...

OS MARTELOS E AS PAREDES VÃO NAS LINHAS E NOS PLANOS,
QUE ANTES DE SEREM NO PAPEL DESENHADOS,
SÃO IMAGINADOS NA VISÃO DENTRO DA MENTE...

A CADA SEGUNDO QUE A DÚVIDA APARECIA,
O MEDO SUSSURRAVA QUE A OBRA ERA IMENSA,
A DEUSA-MUSA ME INSPIRAVA COM
A FORÇA DA TIMIDEZ OUSADA...

E COMO SENTINDO SUA MÃO DE FOGO E FUMAÇA
GENTILMENTE APOIADA NAS MINHAS COSTAS,
O CALOR DO SOL CLARICE ME ANIMA
A ME PERDER NAS RUAS PRA ME ENCONTRAR NO JARDIM...

COM SUA PENA, CLARICE ME CHOCA...
COMO UM OVO DE ORNITORRINCO, ESSE SER ESTRANHO E MISTO...
AQUECIDO PELA MÃE EU ME SINTO
DEBAIXO DE UM MAMÍFERO OVÍPARO...
NO ESCURO DENTRO DA CASCA, SEM CHICLETES PRA MASCAR...

A JANELA DO BONDE SENTA EM MIM,
A GRAVIDADE É ONDULANTE COMO AS MARÉS A LUA...
O VIDRO QUE REFLETE TAMBÉM MEU ROSTO E O OUTRO LADO,
AGORA É LÍQUIDO... UM ESPELHO DE ÁGUA VIVA...

ESTOU PROCURANDO QUEM EM MIM PROCURA...
ONDE MORA O PROCURADOR QUE PROCURA A SI MESMO?

A COISA,
ESSA PALAVRA DIVERSA,
QUE PODE SIGNIFICAR TANTAS COISAS...

A COISA EM SI...
O OVO QUE NUNCA FOI VISTO PELA PRIMEIRA VEZ...
O APARENTEMENTE IMPOSSÍVEL OLHAR PRESENTE...
COISAS QUE VISLUMBRAMOS
QUANDO A GENTE SE PERDE
E DESCOBRE CAMINHOS
ANTES NUNCA ATRAVESSADOS...

Quando Júlio pergunta a Clarice sobre os textos dela mesma de que ela mais gosta, a autora responde em primeiro lugar o conto "O Ovo e a Galinha" (que também está em *A Legião Estrangeira*).

Sinto que não posso deixar de te perguntar as suas impressões pessoais como leitora sobre esse conto, que Clarice dizia ser um mistério até para ela mesma.

O que "O Ovo e a Galinha" te faz sentir?

Quais sentidos você vê no conto, e o que nele é também um mistério pra você?

Vou arriscar algumas impressões provocadas pelo conto, sem muita segurança, uma vez que a própria Clarice Lispector afirma ser o conto um mistério para ela.

A personagem chega à cozinha e vê o ovo sobre a mesa. O texto começa assim:

"De manhã na cozinha sobre a mesa vejo o ovo".

Ela não diz: vejo um ovo, e sim vejo o ovo. Isso desencadeia a oposição um ovo x o ovo. Percebe-se o status a que um ovo ascende ao se transformar n'ovo. Esse fato desencadeia uma série de questionamentos e afirmações até paradoxais, como no início do 3º parágrafo, já que ela afirmara que havia visto o ovo:

"Ver o ovo é impossível: o ovo é supervisível como há sons supersônicos. Ninguém é capaz de ver o ovo".

O olhar, as perguntas primordiais provocadas pela visão do ovo, as indagações buscando respostas (O cão vê o ovo? O ovo me idealiza? O ovo me medita?), as afirmações em parataxe e muitas vezes nominais (O ovo é a alma da galinha. A galinha desajeitada. O ovo certo. Como um projétil parado. Pois ovo é ovo no espaço. Ovo sobre azul.) vão numa espiral ascendente até que a personagem quebra o ovo (E eis que não entendo o ovo. Só entendo ovo quebrado: quebro-o na frigideira. [...] Pego mais um ovo na cozinha, quebro-lhe casca e forma) e lentamente a vida retoma sua rotina do café da manhã da família que, com risos, gritos, conversas, mostra que “viver é extremamente tolerável, viver ocupa e distrai, viver faz rir”.

Parece tolo dizer, mas esse conto segue o mesmo ritual de quase tudo que Clarice Lispector escreve: a partir da visão de algo cotidiano, conhecido, familiar, uma personagem feminina entra em um momento de crise existencial.

De repente o conhecido se torna estranho e desencadeia uma série de questionamentos que são como uma revelação de algo, uma busca do sentido das coisas, do mundo, do existir e até da perfeição, simbolizada pelo ovo.

A resposta, no entanto, é frustrada, pertence ao âmbito da filosofia e escapa ao nosso precário conhecimento de mundo. A solução é esquecer o ovo:

“Mas e o ovo? [...] Por devoção ao ovo, eu o esqueci. Meu necessário esquecimento. Meu interesseiro esquecimento”.

Assim, talvez, quem sabe, o ovo possa continuar iluminando a cozinha, brindando a casa com sua presença.

Perguntas e Reticências...

Ziã C. Dionísio

6 DE DEZEMBRO DE 2024

DESDE A PRIMEIRA VEZ QUE ASSISTI
A ENTREVISTA DE CLARICE LISPECTOR PARA JÚLIO LERNER
FIQUEI COM UM MAMUTE ATRÁS DA ORELHA...
AS PERGUNTAS E O TOM DE VOZ DO REPÓRTER
ME PASSAVAM A SENSACÃO DE QUE ELE ESTAVA,
SUTILMENTE (OU NÃO), INTERROGANDO A ESCRITORA...

NAS PERGUNTAS SOBRE OS CONTATOS DELA
COM ESCRITORES LATINO AMERICANOS,
SOBRE O TEXTO DE PROTESTO
CONTRA A VIOLÊNCIA POLICIAL "MINEIRINHO",
ME VINHA UM CHEIRO E A LEMBRANÇA DE QUE
MENOS DE 2 ANOS ANTES, O DIRETOR DE JORNALISMO DA EMISSORA,
VLADMIR HERZOG, HAVIA SIDO "SUICIDADO"
NUM SUPOSTO ENFORCAMENTO A UM METRO E MEIO DO CHÃO,
CUJA FOTO É UMA CUSPIDA EM NOSSA CARA
QUE ESCORRE EM NOSSA PELE FORMANDO A PALAVRA "OTÁRIOS"...

DESENVOLVI UMA ANTIPATIA POR JÚLIO,
A PONTO DE SENTIR UMA PONTA DE ALEGRIA MÁ
QUANDO OUVI BENJAMIN MOSER, NUM VÍDEO GRAVADO NA
BIBLIOTECA DO CONGRESSO AMERICANO, DIZER QUE
LERNER FICOU LOUCO DEPOIS DAQUELA ENTREVISTA...

MAS NADA É TÃO SIMPLES...
E AS ALEGRIAS MÁS SÃO UM ENGANO...
DÃO RESSACA, E DÃO ENJOO,
MESMO QUE PAREÇAM BOAS QUANDO
SENTIMOS ELAS...

E QUANDO FUI LER AS ENTREVISTAS
QUE CLARICE FEZ COMO REPÓRTER,
TAMBÉM ACHEI QUE ALGUMAS PERGUNTAS,
E MANEIRAS DELA FALAR,
PUDESSEM TER UM JEITO PARECIDO
COM O QUE JÚLIO USOU PARA ENTREVISTÁ-LA...

PESQUISEI MAIS
E DESCUBRO QUE LERNER LANÇOU
UMA OBRA DE 144 PÁGINAS SOBRE A ESCRITORA,
EM 2007, TRINTA ANOS APÓS A MORTE DE CLARICE...

NÃO CONSEGUI ENCONTRAR
EM QUAL MÊS DE 2007 A OBRA FOI LANÇADA,
MAS JÚLIO MORREU EM 30 DE JUNHO
DAQUELE MESMO ANO...

Em seguida gostaria de ouvir suas impressões e comentários sobre a Clarice Lispector jornalista, principalmente como entrevistadora.

○ que você repara de característico nas entrevistas que ela faz, nas perguntas que elabora e nas partes em que "fala por si mesma"?



Mesmo tendo-se destacado como uma das maiores autoras de contos e romances da literatura brasileira, a faceta de jornalista da escritora é pouco conhecida. Assinante de colunas do "universo feminino" na virada da metade do século XX, Clarice Lispector reproduz os clichês desse universo, dadas as características desse tipo de texto de propaganda não declarada de produtos de beleza, de fabricantes de tecidos e de outros produtos associados ao que era considerado preocupação das mulheres naqueles anos.⁸

Durante curto período, Clarice Lispector foi também ghost writer da atriz e modelo Ilka Soares, produzindo o mesmo tipo de texto dirigido exclusivamente às mulheres.

Chega de cinto! é um exemplo desse tipo de texto:

8. Colunas de Clarice Lispector sobre temas femininos foram reunidas no livro "Correio Feminino" pela Editora Rocco em 2006.

CHEGA DE CINTO!

Clarice Lispector

19 de setembro de 1952

Ao pôr o papel na máquina, me vem à mente uma pergunta primitiva, ingênua, que seria quase idiota se, dentro da sua simplicidade, não fosse a semente desta crônica. "O que é a moda?" Confesso que embатуquei. Definir é sempre difícil, perigoso e, algumas vezes, pedante. Principalmente para uma mulher, mesmo em se tratando de assuntos femininos. As definições implicam profundezas filosóficas e filosofia é, no dizer dos homens, para cérebro de homem e nunca para miolo de galinha, como eles julgam o nosso quando pretende se imiscuir na ciência que vai de Platão a Sartre, com pequenas escalas em Spinoza e Heidegger. Saltemos, pois, a pergunta perigosa e fiquemos na outra, que veio na sua cauda e cuja especulação poderá trazer maior proveito coletivo. "Qual a finalidade da moda?" É claro que a moda tem um fim e não é preciso ser nenhum gênio para responder que é dar sugestões à mulher para se vestir sem aparecer cem por cento em público, ser admirada pelas suas toaletes, olhada de soslaio pelas amigas, elogiada pelos homens. Dar-lhe possibilidades de ser chic, mesmo quando não é elegante. E de reforçar a elegância, se já nasceu com ela. E a mulher procura vestir-se bem, igualmente com um objetivo - o de agradar e ser admirada. Neste ponto, as mulheres se dividem em três grupos: um - o menor - de tendência narcisista, que se apura no vestuário por simples gosto pessoal,

para satisfazer a si própria; outro - o maior - para ser admirada indistintamente por gregos e troianos e o terceiro especialmente para deixar os homens de queixo caído. As que não estiverem enquadradas num deles não se vestem; cobrem o corpo e há muito já estão gozando a doce paz de um convento ou de um mosteiro. Mas é justamente aqui que a história se complica: se a mulher se veste com o fim de agradar, de ser vista e admirada, como é que se explica que algumas delas, com as marcas evidentes da moda, andem soltas pela Cinelândia, nas corridas do Jockey, nas "boites" e no Municipal, quando deviam estar trancafiadas numa jaula ou naquele edifício apropriado, que antigamente ficava na Praia Vermelha? Ou ainda atuando no Circo Garcia? Indiscutivelmente, estariam num desses lugares se o Sindicato das Costureiras já houvesse conseguido uma lei punitiva para as transgressoras da Moda. Porque moda é como o trânsito. Os automóveis podem andar na rua, mas quando o sinal fica vermelho, têm que parar. Cinto de elástico é para ser usado, mas quando se é maior de cinquenta anos, é preciso saber que o sinal fechou. Ainda há pouco ouvi o desabafo revoltado de um senhor de bom gosto, um esteta genuíno. Ia ele pela Rua Gonçalves Dias e na sua frente uma senhora já na casa respeitável dos sessenta, com o número de anos dobrado em banhas estranguladas num cinto flexível, de vinte centímetros de largura e cor de beterraba cozida. A gordura ia pulando em toda a circunferência e a mulher, felicíssima da vida, saltitando, como um periquito na alface.

Confessou o senhor que teve vontade de se chegar juntinho a ela e como um fino galanteador pedir-lhe os olhos. E, saboreando a vingança, fez o diálogo:

- Os meus olhos?! Acha-os assim tão lindos?...

- Estúpidos, minha senhora. Com esse par de olhos serei feliz o resto da vida. Passarei a ver as coisas mais horrendas como as mais belas da terra. São com eles que a senhora se olha no espelho e vem passear na Cinelândia. Não é preciso dizer mais nada.

E o senhor erguia os braços aos céus, em gritos de protesto: "É preciso um apelo urgente para que cesse a usança de cintos! Chega de cinto!" Ele tem toda a razão. É preciso ter olhos para se vestir com elegância. Olhos intuitivos, de bom senso e não órgãos visuais somente. E é preciso muito cuidado com certas modas, que se alastram como epidemias; que atacam gordas e magras, altas e baixas, velhas e moças. A dos cintos, é uma delas. Está na hora de se fazer uma vacinação em massa contra os cintos. De bombeiro ou de macaco, vamos acabar com os cintos. Chega de cinto Láfer!



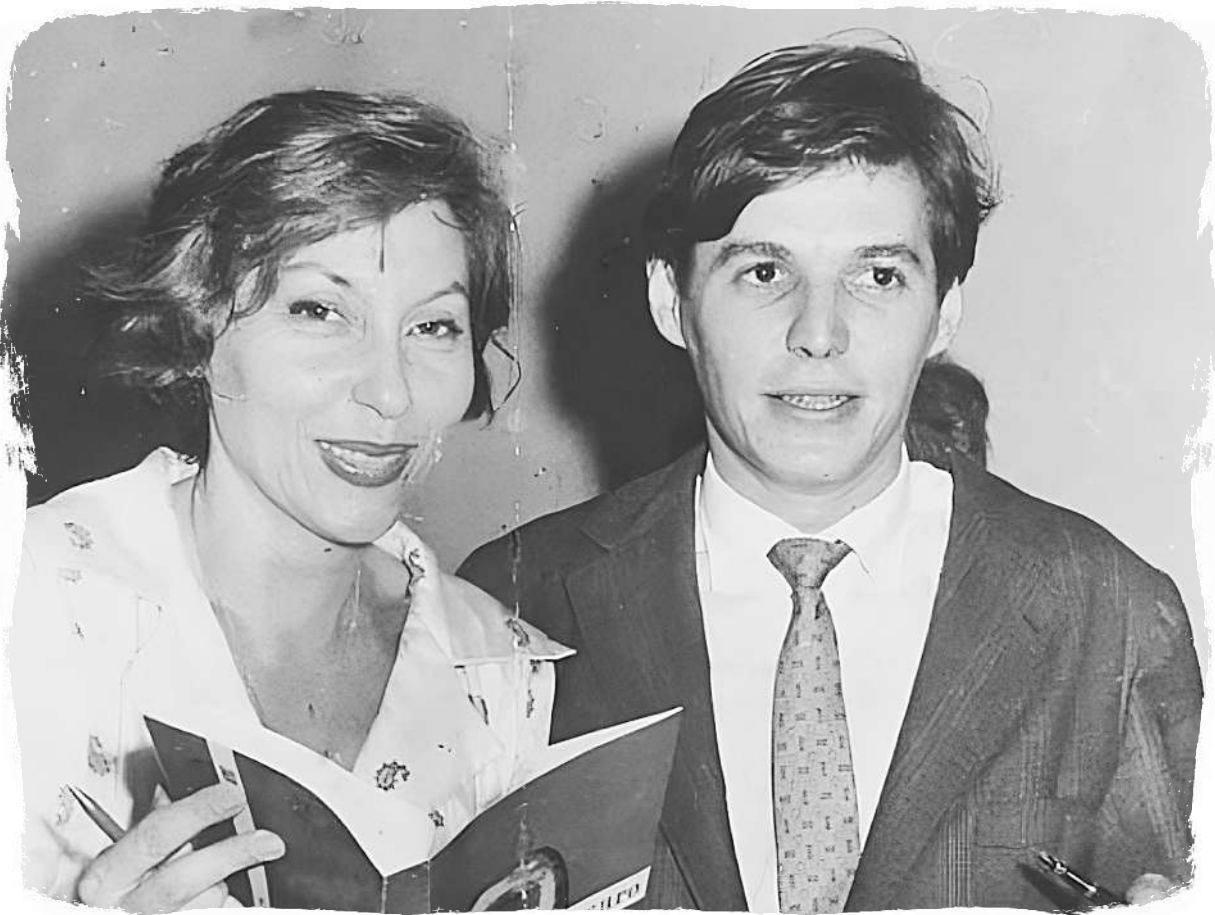
Escreveu também crônicas semanais para o Jornal do Brasil, do Rio de Janeiro, de 1967 até final de 1973. As contribuições publicadas no Jornal do Brasil foram reunidas, em ordem cronológica, num volume intitulado *A Descoberta do Mundo*, publicado em 1984 pela Editora Nova Fronteira.

Como entrevistadora, a inquieta autora de textos questionadores do ser e da linguagem aparece, oferecendo ao leitor as marcas reconhecíveis da elaboração textual e da construção das personagens características da produção ficcional da escritora.

Ao fazer sua primeira entrevista, Clarice Lispector já assume características que serão marcas desse trabalho da escritora. Ela abre a matéria com um texto pessoal no qual faz algumas observações sobre o seu convidado, Tasso da Silveira, que tinha sido diretor da revista *Pan* do Rio de Janeiro, semanário que circulou de 1935 a 1940:

Para mim, entrevistar Tasso da Silveira era continuar uma daquelas palestras tão profundas, nas quais eu assistia atenta o poeta resolver os grandes problemas do pensamento. Quando, na redação do *Pan*, sua mesa não estava muito atulhada de papéis e seu cigarro não queimava rápido demais, eu puxava uma cadeira e, assim como quem nada quer, dizia uma palavra, uma simples palavrinha. E em breve discutíamos a gênese do mundo, a significação da arte, a explicação do tempo e da eternidade.. Eram problemas para mim, certezas para ele.⁹

9. Do livro "Clarice Lispector jornalista: Páginas femininas & Outras páginas" (São Paulo: Editora Senac, 2006, páginas 47-48).



Clarice Lispector e Tom Jobim

É peculiar à escritora falar de si enquanto fala do entrevistado. Em muitas de suas entrevistas, ao perguntar algo, dá a sua resposta para a pergunta antes que seu entrevistado o faça:

- José Carlos Oliveira, vamos fazer uma entrevista ótima no sentido de sincera? Hoje não é o meu melhor dia porque estou muito gripada e triste. Mas mesmo assim, no meio de uma náusea sartriana que não passa de uma gripe nesta sexta-feira de noite, vamos fazer o possível. Quem é você, Carlinhos? (E, por Deus, quem sou eu?) Fora de brincadeira, o mundo está se acabando e nós não estamos fazendo nada e eu estou gripadíssima e de mãos sem força para ajudar os que imploram. Fale, Carlinhos. Fale.¹⁰

10. Do livro "Entrevistas", publicado pela Editora Rocco em 2007, página 80.

De entrevistadora, Clarice passa de repente a entrevistada, pois suas angústias são colocadas em pauta, numa simbiose entre ela e o outro - entrevistadora e entrevistado. Percebe-se um afã de se mostrar, de achar respostas para as perguntas que, muito mais do que interrogações para o seu convidado, são questionamentos para que ela se entenda, para achar a si mesma.

Você me pergunta o que há de característico nas entrevistas que ela faz, nas perguntas que elabora e nas partes em que fala por si mesma. De característico é o que afirmei acima, o fato de Clarice transitar entre ela e o outro, elaborando perguntas que permitam a ela tentar encontrar respostas para seus próprios dilemas, seus próprios questionamentos. O interessante é que, muitas vezes, antes de o entrevistado responder, ela já "fala por si mesma", como no fragmento da entrevista ao escritor José Carlos de Oliveira (1934-1986), em que ela pergunta "Quem é você, Carlinhos?" e logo se questiona "(E por Deus, quem sou eu?)", para continuar expondo seu ponto de vista sobre o mundo antes que o entrevistado diga algo.



Fernando Sabino e Clarice Lispector

Ao entrevistar Iberê Camargo (1914-1994), pintor, desenhista e gravador, Clarice pergunta: “Iberê, por que é que você pinta?” O pintor responde que a Editora Vozes já tinha feito a ele a mesma pergunta e que ele dissera: “só poderia responder por que é que pinto quando tiver descoberto o que eu sou como ser”. Clarice imediatamente acrescenta: “Essa resposta bem serviria para quando eu mesma me pergunto por que escrevo. Teria antes de ir ao profundo último de meu ser”.

Nas entrevistas, podemos acompanhar outras preocupações essenciais da obra de Clarice Lispector, como o questionamento sobre o ato de escrever. A Tom Jobim (Antônio Carlos Jobim, 1927-1994), Clarice pergunta: “Por que você faz música e para quem eu escrevo?” Na entrevista/diálogo com Carlinhos de Oliveira, o escritor pergunta a ela: “Clarice, por que é que você escreve? Clarice, por que você não escreve?”

E a escritora retruca: “Respondo às suas duas perguntas: é tarde demais para mim - escrevo porque não posso ficar muda, não escrevo porque sou profundamente muda e perplexa.”

Clarice transita pela crônica jornalística, pelos textos curtos, reflexivos de Fundo de Gaveta, pelos contos, romances e entrevistas, e em todos deixa sua marca de questionadora do ser, da relação eu/outro, do ato de escrever, da busca filosófica, da ida “ao profundo último de meu ser”, como diz a Iberê Camargo.



Cheiro de Mistério...

Ziã C. Dionísio

27 DE NOVEMBRO DE 2024

CLARICE, HOJE NÃO VENDEM MAIS HOLLYWOOD VERMELHO...
NÃO VENDEM MAIS NENHUM HOLLYWOOD...
FUMAR É VISTO COMO ALGO FEIO,
AMARELA OS DENTES, ESCURECE O PEITO...
MAS OS JOVENS DERAM UM JEITO, E SOLTAM FUMAÇA
COM AROMA DE CHICLETE DE MELANCIA,
COM UM CIGARRO ELETRÔNICO AINDA MAIS QUÍMICO...

AQUELE HOMEM, NA ENTREVISTA, ESTAVA TE INTERROGANDO?
E AQUELA PERGUNTA SOBRE ESCRITORES LATINO-AMERICANOS?...
VOCÊ DÁ MAIS UM TRAGO, E SOLTA SÓ O NECESSÁRIO...
COMO FUMAÇA, VOCÊ ESCAPA, SOME,
MAS DEIXA NO AR O SEU CHEIRO...

CHEIRO DE MISTÉRIO... MAGIA NATURAL SEM SEGREDO...
A CONSCIÊNCIA É UM ESPELHO, E AS PALAVRAS SÃO, NO CAMINHO,
UM MEIO...

CLARICE, SEU NOME VIROU UM RIFF, UM SOM MUSICAL E LIVRE, COMO
UMA REFERÊNCIA, UM LINK, PRA UMA ENTIDADE QUE EXISTE E, POR
ESCRITO, RESISTE...

MAS PENSAR NO INFINITO
COMO UM PONTO FIXO
PODE SER ALGUM ENGANO...

NO VOO DOS SEUS OLHOS
OS SONHOS FLANAM INTERNOS...

NUM OCEANO ABERTO DE SENTIDOS PROVISÓRIOS,
E QUE MUDAM PELOS TEMPOS E SERES
QUE OS TRANSFORMAM...

E SE TRANSFORMAM...
QUANDO SE PERDEM COM VOCÊ NO ASFALTO
E SE ENCONTRAM ENTRE AS PLANTAS...

Por último (dessa vez)
quero te perguntar sobre a mãe Clarice,
que em relatos contou que por vezes escrevia
sentada no sofá, com as crianças ao redor,
e que sempre escreveu mesmo em casa,
em seu "home office" maternal.

Que influências você vê disso
nos trabalhos da autora?

Isso é segredo (hahaha).

Sobre esse modo de trabalhar, há um trecho retirado de algum depoimento dela e que foi publicado na coletânea *Para gostar de ler, volume 9*, da Editora Ática, em que, à pergunta: "Cada escritor tem seu jeito de escrever. Qual é o seu?", ela responde:

"Eu trabalho do modo mais esquisito do mundo: sentada numa poltrona, com a máquina no colo. Por causa de meus filhos. Quando eles eram pequenos, eu não queria que tivessem uma mãe fechada num quarto a que não pudessem ter acesso. Então eu me sentava no sofá, com a máquina no colo, e escrevia".

Não consigo fazer relação entre esse modo de escrever e a obra da autora. Não me lembro de textos em que apareçam crianças na trama em afazeres cotidianos, ou mães preocupadas em colocar filhos para fazer as tarefas de casa etc., enquanto escrevia. Nos textos clariceanos, as personagens são, primordialmente, mulheres adultas em momentos de crise existencial.

Há um ou outro conto em que a mãe chama os filhos para o café da manhã, ou para o jantar, mas não creio que seja decorrente do fato de produzir suas obras num espaço compartilhado da casa. Clarice, no entanto, se diz maternal na entrevista a Júlio Lerner, e o fato de não proibir o acesso dos filhos a seu espaço de criação pode ter a ver com essa sua característica.

Pode também ter influenciado sua produção de literatura infantil que, como ela diz também na entrevista da TV Cultura, começou quando um de seus filhos exigiu (assim mesmo que ela disse) que ela fizesse uma história para ele.

Clarice Lispector, no entanto, é múltipla, e a cada leitura de seus textos descobrimos novas facetas, o que nos instiga a pesquisar cada vez mais sobre sua produção literária, jornalística, de literatura infantil.



Clarice Lispector e com um de seus filhos, Paulo

Ave Clarice...

Zião C. Dionísio

10 DE DEZEMBRO DE 2024

LI, OUVI E PENSEI TANTO
NA VIDA DA CLARICE NAS ÚLTIMAS SEMANAS
QUE ACHO QUE ATÉ ESQUECI UM POUCO DA MINHA...
MAS FINJO...
EM CADA MORDIDA E CADA EXPELIDA EU VIVI A MINHA
COMO É IMPOSSÍVEL NÃO VIVER...
VIVI A MINHA COM O TEMPO E O CONTEÚDO
MISTURADOS COM A DELA...
E AS PALAVRAS NA MINHA MENTE OU NA MINHA FALA
ERAM TANTO MINHAS QUANTO DE OUTRAS...

EIS O MEU OVO DE LINHAS E PÁGINAS...
UM OVO COM RABO, UM OVO COM ORELHAS,
UM OVO COM PÊLO E COM PENAS...
UM OVO MAMÍFERO, DE ORNINTORRINCO...
UM VENTRE DE FORMAS E PENSAMENTOS...

DESEJO QUE O MEU CACAREJAR
NÃO TENHA SIDO IRRITANTE...
QUE MEU COCÔ SEJA ESTERCO...
E MINHA CARNE SEJA SABOROSA,
DEPOIS DA MINHA MORTE...

FAÇO PARTE DO GRUPO
DAS GALINHAS QUE SABEM QUE VÃO MORRER...
DAS QUE MATAM PRA COMER...
E CISCAM ATRÁS DE ALIMENTO...

MESMO QUANDO GALO,
CANTANDO PRO SOL
(POR NÃO PÔR OVOS)...
MESMO ENQUANTO TÚMULO...
O IMPOSSIVEL NASCER E MORRER DO MOMENTO...
O IMPOSSÍVEL SEGURAR OU CONGELAR DO INSTANTE...
NOS PRESENTES QUE O NATURAL SOBRENATURAL APRESENTA...

EM QUALQUER TEMPO,
O TEXTO LIDO PODE SER SENTIDO...
E FAZER SENTIDOS...
SE MOVENDO NO VASTO OCEANO
DE SÍMBOLOS E SENTIMENTOS...

QUANDO SOMOS QUALQUER UM, SOMOS MUITOS...
MÚLTIPLOS... CAPAZES DE ATRAVESSAR OS PONTOS...
E TER COMO TERRENO O MOVIMENTO...

NÔMADE LÍNGUA, HABITA TRAVESSIAS...
ESTRANHA E ESTRANGEIRA,
ABRE FRONTEIRAS,
AMPLIA JEITOS DE CONTAR A VIDA
EM HISTÓRIAS...

AVE CLARICE,
QUE VOA NO CÉU
SEM LIMITES...

ESTRELA DISTANTE E DENTRO,
QUE ILUMINA BARATAS E OVOS...

PAIXÃO DO CORAÇÃO SELVAGEM...

A DÉCIMA TERCEIRA BALA A CORTAR A PELE...

E OS JARDINS QUE LEMBRAM
QUE SOMOS ANIMAIS,
SERES VIVOS,
COM OUTRAS MORAIS...

"Minha tensão
de súbito quebrou-se
como um ruído que se interrompe.
E o primeiro verdadeiro silêncio
começou a soprar.
O que eu havia visto de tão
tranquilo e vasto e estrangeiro
nas minhas fotografias
escuras e sorridentes -
aquilo estava pela primeira vez
fora de mim
e ao meu inteiro alcance,
incompreensível
mas ao meu alcance."

- Clarice Lispector

em A paixão segundo G.H.

Apresentando Clarice Lispector

Maria Isolina de Castro Soares

Clarice Lispector (1920-1977) nasceu em Tchetchnik, na Ucrânia, e a família veio para o Brasil em 1922, fugindo da perseguição aos judeus na Europa. A escritora lançou seu romance de estreia, **Perto do coração selvagem**, em 1943. A partir dessa publicação, inúmeros olhares se voltaram para sua obra, hoje consagrada como uma das mais importantes da literatura brasileira em todos os tempos.

Clarice, no entanto, já publicara em jornais e revistas antes de lançar seu primeiro livro. Em 1940, quando ainda cursava a Faculdade de Direito da Universidade do Brasil (hoje UFRJ), ela ingressou no Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), órgão criado por decreto de Getúlio Vargas, em 1939, visando à propagação dos ideais do Estado Novo. A princípio, Clarice Lispector exerceu a função de tradutora, mas trabalhou também como redatora da Agência Nacional, que era o órgão responsável por divulgar atos do governo.

Sua primeira reportagem, "Onde se ensinará a ser feliz", foi publicada em 19 de janeiro de 1941, no **Diário do Povo**, de Campinas (SP), relatando a visita da primeira-dama da República, Darcy Vargas, a um orfanato feminino. No ano seguinte, ela começou a trabalhar como redatora de **A Noite** e obteve o registro de jornalista em 1944. Clarice exerceria essa profissão até dois meses antes de falecer, excetuando-se o período em que viveu no exterior como esposa do diplomata Maury Gurgel Valente.

Clarice Lispector fala para a TV Cultura, em entrevista ao programa Panorama no dia 1º de fevereiro de 1977, que desde que começou a ler começou a escrever. Enviava suas histórias para os jornais, como para a seção infantil do **Diário de Pernambuco** - Clarice morou no Recife quando criança -, mas não conseguia que fossem publicadas. Ela percebia que as histórias que eram selecionadas para publicação possuíam enredo, apresentavam sequência de fatos, enquanto as suas pautavam-se em sensações e emoções. Mesmo assim, não mudava a construção de seus textos. E Clarice confessa:

Lia as outras histórias, gostava mais das outras histórias que das minhas, mas não queria mudar, não me sentia injustiçada, porque percebia a razão da recusa sistemática. Mas era assim. Teimosa a ponto de, quando uma professora, me apontando um desenho meu, insinuou “falta uma coisa aqui, não é?”, eu respondi: “Nasceu assim, fica assim mesmo”. (LISPECTOR apud NUNES, 2006, p. 34).

Na mesma entrevista da TV Cultura, Clarice diz que sempre escreveu muito e, já adolescente, como era uma “tímida ousada”, levava seus textos para jornais e revistas, para tentar publicá-los. Certa vez, levou um conto à redação da revista carioca **Vamos Ler!**. Foi recebida por Raimundo Magalhães Júnior. E conta:

“Ele olhou, leu um pedaço, olhou pra mim e disse:

- Você copiou isso de quem?

Eu disse: - De ninguém, é meu.

- Você traduziu?

Eu disse: - Não.

Ele disse: - Então vou publicar”.

(LISPECTOR, 1977).

Saem, então, naquela revista, os contos “Eu e Jimmy” e “Trecho”. Publicam a tradução de “O Missionário”, de Claude Farrère. E aparece a Clarice jornalista em “Uma hora com Tasso da Silveira” e “Uma visita à casa dos expostos”. Tem-se aí a Clarice ficcionista, entrevistadora, repórter e tradutora.

Também na revista semanal **Vamos Ler!** Clarice assume pela primeira vez a função de entrevistadora, que seria retomada mais tarde nas revistas **Manchete** (1968/1969) e **Fatos e Fotos/Gente** (1976/1977).

De março de 1959 a janeiro de 1964, Clarice publicou em **Senhor**. Seu primeiro texto naquele periódico foi o conto “A menor mulher do mundo”, no primeiro número da revista. Mais tarde, passa a escrever, no mesmo veículo, uma coluna denominada “Children’s Corner”. Os textos dessa coluna foram reunidos sob o título de “Fundo de Gaveta” e publicados como uma segunda parte de **A Legião Estrangeira** (1964) e só em 1978 são editados autonomamente em **Para não esquecer**. A partir de 1962, na mesma **Senhor**, passa a escrever para a seção “Sr. & Cia”, além de publicar crônicas e contos fora da coluna.

Convidada por Alberto Dines, Clarice passa a escrever crônicas semanais para o Caderno B do **Jornal do Brasil**, do Rio de Janeiro, atividade que dura de 1967 até final de 1973. De 1968 a 1969, entrevista personalidades para a revista **Manchete**, numa coluna de nome “Diálogos Possíveis com Clarice Lispector”.

As contribuições publicadas no **Jornal do Brasil** foram reunidas, em ordem cronológica, num volume intitulado **A Descoberta do Mundo**, publicado em 1984 pela Editora Nova Fronteira.

Outra incursão de Clarice Lispector no jornalismo diz respeito às páginas femininas que assinou. Para escrever a coluna “Entre Mulheres”, que ocupava uma página inteira do jornal **Comício**, cujo primeiro número foi às bancas no dia 15 de maio de 1952, Rubem Braga convidou Clarice Lispector, que usava o pseudônimo de Tereza Quadros.

Clarice Lispector foi também Helen Palmer na seção “Correio Feminino - Feira de Utilidades”, publicada às quartas e sextas-feiras, no segundo caderno do **Correio da Manhã**, de 21 de agosto de 1959 a fevereiro de 1961.

Em 1960, Clarice Lispector passa a escrever mais uma coluna feminina, agora no **Diário da Noite**, do Rio de Janeiro, como ghost writer da modelo e atriz Ilka Soares, símbolo de beleza, fama e feminilidade naquela época. A coluna vigora de abril de 1960 a março de 1961.

Clarice Lispector lida com a atividade jornalística levando-a, na maioria das vezes, para relatos, histórias, pequenos contos, questionamentos, textos que fogem ao que é crônica stricto sensu. Muitos desses textos são embriões que a autora desenvolverá em seus contos.

Concomitantemente à atividade jornalística, Clarice publica contos, romances e livros infantis. Tem obras publicadas postumamente.

Referências Bibliográficas

CANDIDO, A. A nova narrativa. In: CANDIDO, A. A Educação pela noite & outros ensaios. 2. ed. São Paulo: Ática, 1989.

Chega de cinto! Disponível em: <<http://personaconsultoriademoda.blogspot.com/2008/07/chega-de-cinto-clarice-lispector.html>>. Acesso em: 07 dez. 2024.

LISPECTOR, Clarice. Amor. In: Laços de família. Rio de Janeiro: José Olympio, 1974.

LISPECTOR, Clarice. A imitação da rosa. In: Laços de família. Rio de Janeiro: José Olympio, 1974.

LISPECTOR, Clarice. Um Sopro de Vida. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991, 9. ed.

LISPECTOR, Clarice. A Hora da Estrela. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993.

LISPECTOR, Clarice. Antes de ler e escrever eu inventava. In: Para gostar de ler, vol. 9. São Paulo: Ática, 1995.

LISPECTOR, C. Entrevistas/Clarice Lispector. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

LISPECTOR, C. Panorama com Clarice Lispector.
Entrevista à TV2 Cultura, em 1º de fevereiro de 1977.
Disponível em: <[https://cultura.uol.com.br/videos/
5101_panorama-com-clarice-lispector.html](https://cultura.uol.com.br/videos/5101_panorama-com-clarice-lispector.html)>.
Acesso em: 24 out. 2024.

Nouveau-roman. Informações disponíveis em:
<https://www.etudes-litteraires.com/figures-de-style/nouveau-roman.php>. Acesso em: 24 out. 2024.

NUNES, A. M. Clarice Lispector jornalista: Páginas femininas & Outras páginas. São Paulo: Editora Senac, 2006.

Clarice Lispector jornalista, publicada pela Revista FronteiraZ da PUC-SP.

SOARES, Maria Isolina de Castro. Aspectos da Clarice Lispector Jornalista. In: FronteiraZ. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária da PUC-SP, nº 24, julho de 2020, p. 182-197. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.23925/1983-4373.2020i24p182-198>>.

Agradecimentos e Indicações

Ziã Clarice Dionísio

Agradeço Clarice Lispector, pelas palavras e mistérios, Maria Isolina, pelas respostas e companhia nessa jornada, e às mecenas desta obra, que a tornaram possível, a Academia de Letras e Artes de Colatina (ES) e a minha mãe por me ouvir falar sobre essa zine e tudo mais.

Agradeço o trabalho do Instituto Moreira Salles, que mantém um site muito interessante sobre Clarice Lispector, com textos, informações e acervo de fotos:

claricelispector.ims.com.br

Agradeço a Rádio Batuta pelo ótimo podcast "Visões do Esplendor", lançado em dezembro de 2024, com 5 episódios sobre Clarice e com convidados de alto nível:

radiobatuta.ims.com.br/podcasts

Agradeço aos canais no Youtube: [Sempre um Papo](#), [TV Senado](#), [agenciamentos](#), [imoreirasalles](#), [Canal USP](#), [TV Cultura](#), [Casa do Saber](#), [Centro Cultural Brasil México](#), [Maria Homem](#), [Academia Brasileira de Letras](#), [Livraria Cultura](#), [Quem Somos Nós?](#), [Letras e Pensamentos](#), [fliportonet](#), [Canal Inconsciente Coletivo](#), [Elizabeth Kostova Foundation](#) e [Library of Congress](#), onde escutei falas de Yudith Rosenbaum, Nádia Battella Gotlib, Benjamin Moser, José Miguel Wisnik, Teresa Montero, entre outr@s.

Projeto Claricite

O projeto Claricite começou como uma forma de organizar informações bibliográficas sobre Clarice Lispector para a feitura desta zine.



No site há uma lista, dividida por ano, dos livros lançados por Clarice em vida e também após sua morte.

As obras podem ser filtradas por gênero: romance, contos, crônicas, correspondências, entrevistas, infantil...

claricite.tropicalversos.com

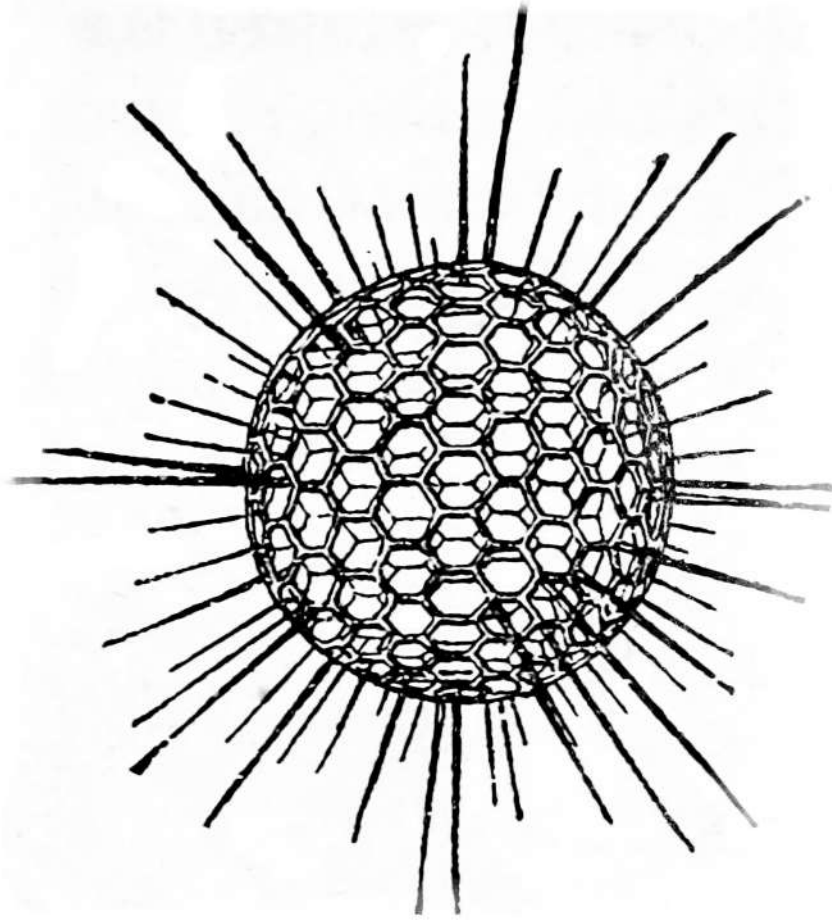
Na página de textos, você pode pesquisar os títulos e encontrar em quais livros eles foram publicados.

A apresentação de Isolina sobre Clarice e esta zine também podem ser lidas no site.



"A crueza do mundo era tranquila.
O assassinato era profundo.
E a morte não era o que pensávamos.
(...)
As árvores estavam carregadas,
o mundo era tão rico que apodrecia.
Quando Ana pensou que havia
crianças e homens grandes com fome,
a náusea subiu-lhe à garganta,
como se ela
estivesse grávida e abandonada.
A moral do Jardim era outra."

- Clarice Lispector
no conto Amor



Leia outras obras da editora em
tropicalversos.com

Se gostou da leitura você pode
apoiar o projeto pelo pix abaixo



Pix:  poetaziao@gmail.com



"Mas já que se há de escrever,
que ao menos não se esmaguem com palavras
as entrelinhas."

- Clarice Lispector